

Capítulo II de: LORENZEN, Lynne Faber. *Introdução à Trindade*. São Paulo: Paulus, 2002. Pp. 37-44

A DOUTRINA DA TRINDADE NO OCIDENTE

O desenvolvimento da doutrina da Trindade na tradição cristã ocidental foi diferente do ocorrido no Oriente por influência de uma figura de notória eminência, Agostinho de Hipona. Este capítulo será dedicado a três grandes vultos: Agostinho, Lutero e Calvino. Descreveremos a doutrina da Trindade de cada um desses teólogos e a relação que existe entre a Trindade e suas respectivas doutrinas da cristologia e da salvação.

Agostinho

Agostinho foi o convertido ao cristianismo que desenvolveu sua teologia baseado na Escritura, nas doutrinas recebidas da Igreja e em sua própria experiência. Em seus primeiros escritos, aproxima-se do platonismo em que fora educado, porém nas obras mais recentes mostra-se bastante pessimista com relação às possibilidades humanas e está praticamente convencido da condição pecadora do homem. A avaliação que Agostinho faz das capacidades e limitações humanas influenciou sua compreensão da salvação e do que é necessário para que ela se realize. Em *O livre-arbítrio*, concluído em 395, Agostinho situou o pecado e o mal no livre arbítrio da vontade humana, tão atraída a este mundo e aos prazeres físicos, que se desvia do bem eterno de Deus (I,28). Como essa escolha é voluntária, os seres humanos devem ser considerados responsáveis por optarem pelas coisas temporais mais do que pelas eternas. Nessa fase dos seus escritos, Agostinho empregava a linguagem do orientar-se para ou do ser atraído tanto para o bem como para o mal. O orientar-se para uma das polaridades exclui a possibilidade de ver a outra, e a consequência é a escolha de uma e a rejeição da outra.

Agostinho afirma que os seres humanos foram criados com a capacidade de alcançar o bem maior, que o criador ajuda os homens a alcançarem esse bem, que Deus completará e aperfeiçoará nosso progresso e que aqueles que não querem se esforçar receberão a justa condenação.¹ Escreveu ele esse texto contra os maniqueus e por isso salientou a vontade livre em oposição ao determinismo astrológico, que era doutrina maniqueísta. Entretanto, em suas *Retratações*, definiu a posição que mais claramente podemos ver em seus escritos mais recentes, especificamente, que salvo que a graça de Deus liberte a vontade humana de sua servidão ao pecado, ajudada assim por Deus, os seres humanos não têm possibilidade de vencer o pecado e de viver vida piedosa.

Esse tratamento de questão particular num contexto tão específico levou Agostinho a conclusões aparentemente contraditórias. Podemos vê-lo se compararmos o que era para ele o papel dos seres humanos, explicitado quando escreveu para pessoas que eram instruídas na fé em preparação para o batismo (catecúmenos), com o que ele escreveu contra Pelágio, contemporâneo bretão que temia que a

¹ Augustine, *On free Choice of the Will*, tr. A.S. Benjamin and L.H. Hackstaff (Indianapolis: Bobbs Merfil, 1964) 138.

insistência agostiniana segundo a qual Deus escolheria os que seriam salvos levaria à decadência moral, porque as pessoas só se comportariam moralmente se fossem recompensadas. No primeiro texto Agostinho admite que temos a capacidade de responder positivamente a Deus, e ele nos incentiva a fazê-lo. Mas quando escreve contra Pelágio, tem certeza que a graça de Deus é irresistível e sempre eficaz, cumprindo seu objetivo de salvação dos eleitos. E esta última posição, que descreve os seres humanos como perdidos, ou como uma massa de perdição, que exige que a salvação seja a eleição soberana de Deus apesar dessa condição humana. Esta posição acabou sendo identificada com a posição agostiniana da maturidade.

Em *A cidade de Deus*, Agostinho afirma que, dos eleitos, uns poucos são destinados ao “gozo perfeitamente ordenado e harmonioso de Deus e de um com outro em Deus” (19,13). Descreve também o castigo eterno dos não-eleitos com algum detalhe. Essa posição é coerente com o que disse em *A Trindade* 5,16. “Portanto, ele amou todos os seus santos antes da fundação do mundo, como os predestinou”. Essa relação de Deus com a humanidade em termos de predestinação, embora ecoe os ensinamentos de Paulo, é contribuição original de Agostinho para a teologia cristã.

Para Agostinho, todos os seres humanos participam da queda de Adão, como afirma a tradução latina das Escrituras, a Vulgata. Essa tradução de Rm 5,12, que Agostinho cita em *A Trindade* 4,12, diz, “Eis porque, como por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”². Como consequência, todas as pessoas são justamente condenadas ao castigo eterno. Mas por ser misericordioso e justo, Deus elegerá alguns para a salvação eterna. Esses poucos substituirão os anjos que se afastaram de Deus.³ Para Agostinho, essa é boa nova, porque ele está convencido de que se tivesse sido deixado às suas próprias forças, jamais teria se tornado cristão, nem poderia. Foi apenas pela graça de Deus e pela perseverança de sua mãe (ela é claramente o agente de Deus em sua conversão, de acordo com as *Confissões*) que Agostinho passou de vida pecaminosa a vida de piedade.

Como isso é possível? Os seres humanos estão perdidos; a vontade dos homens é corrupta e não conseguem fazer nada por si mesmos. No entanto, por ser misericordioso, Deus decidiu salvar alguns. O que é necessário para realizar essa tarefa? É preciso que Deus aja, uma vez que os humanos não podem agir. Mas Deus precisa agir de tal modo que o mal possa ser vencido e que seja oferecido um modelo a ser imitado. Assim, o Mediador é ao mesmo tempo humano e divino. Por ser Deus, tem o poder de vencer o mal, e por ser homem, tem a capacidade de ser arquétipo para o comportamento humano. Obviamente, essa pessoa é Jesus Cristo. Todavia, Agostinho se debateu com o conceito de Deus fazendo-se homem. Ele

² Agostinho, *A Trindade*, Paulus, São Paulo.

³ Agostinho, *A cidade de Deus*, Paulus, São paulo

veio de tradição filosófica que enfatizava a transcendência, a imutabilidade e o poder divinos. Nas *Confissões*, se refere a Jesus Cristo como "homem de sabedoria extraordinária" (VII,19.25). Há ainda grande passo daqui até Jesus Cristo considerado divino. Entretanto, é necessário para que a salvação ocorra. "Pois nós chegamos à morte pelo pecado; ele pela justiça... por isso como nossa morte é o castigo do pecado, assim sua morte se tomou sacrifício pelo pecado".⁴ Para Agostinho, a divindade de Cristo era fato consumado porque ele é a segunda Pessoa da Trindade.

Albert Outler argumenta que Agostinho derivou sua cristologia da sua doutrina da Trindade, que para ele era doutrina recebida da Igreja. "Isso constitui uma inversão importante do padrão do cristianismo inicial e patrístico, em que a doutrina da Trindade é derivação da profissão cristã de Jesus Cristo como Senhor e Salvador".⁵ Essa inversão pode explicar por que Agostinho não define claramente os papéis da Trindade no evento da salvação como o fizeram os escritores da patrística, mas fala das três pessoas agindo em conjunto de um modo que dificulta distinções claras. Ela é também coerente com a soteriologia agostiniana, a compreensão de como a salvação se dá. Aquilo que é necessário, ou seja, a eleição (a escolha de Deus dos que serão salvos), deu-se antes da criação do mundo. Assim, essa predestinação ocorreu antes de Jesus ou até de Adão; só a decisão do Deus único era necessária. Deus enquanto Trindade não é necessário para a compreensão que Agostinho tem da salvação como eleição, mas essa doutrina já estava estabelecida na Igreja, e como teólogo, ele assumiu a tarefa de explicá-la.

Agostinho é o teólogo ocidental que mais influencia a formulação da teologia trinitária do Ocidente. Escreveu *A Trindade* ao longo de um período de dezessete anos, terminando a obra em 417. Assumiu a responsabilidade de explicar com toda a cautela que lhe fosse possível uma das doutrinas da Igreja para a edificação dos fiéis. Suas principais fontes foram as Escrituras (citadas cento e quarenta e nove vezes só no Livro 1) e as *Categorias* de Aristóteles, que fornecem a estrutura para os oito primeiros livros de *A Trindade*. Agostinho também consultou a obra sobre a Trindade de Hilário de Poitiers, referindo-se a ela nos Livros VI, X, XI e XII. No entanto, só dispunha de traduções latinas de excertos de teólogos como Atanásio, Basílio de Cesaréia e Gregório Nazianzeno, fato que ele reconhece no Livro III, onde diz, "que lembrem também que os escritos que lemos sobre esses assuntos não foram suficientemente explicados na língua latina, ou não estão disponíveis, ou pelo menos foi-nos difícil encontrá-los; além disso, não estamos suficientemente familiarizados com o grego para termos condições de ler e compreender esses livros sobre esses temas na língua grega, embora dos poucos excertos que nos foram traduzidos, não tenho dúvida de que contém tudo o que podemos procurar com proveito".⁶

⁴ *A Trindade* IV,xii.77.

⁵ Albert Outler, "The person and Work of Christ", in *A companion to the Study of St. Augustine*, ed. Roy Battenhouse (Grand Rapíds: Baker Book House, 1995) 348.

⁶ Agostinho, *A Trindade*, Paulus, São Paulo

Agostinho dedica os oito primeiros livros de *A Trindade* à análise das dez categorias de Aristóteles (substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, estado, ação e paixão).⁷ Depois de refletir sobre todas elas, conclui que somente a substância e a relação se aplicam a Deus porque Deus transcende todas as outras. Por isso, afirma em *Trin.* V,2, "Deus enquanto bom sem qualidade, grande sem quantidade, Criador a quem nada falta, governante sem precisar de posição, tudo contendo sem ter forma externa, todo em toda a parte, sem limitação de espaço, eterno sem tempo, mudando as coisas sem sofrer qualquer mudança em si mesmo, e Ser sem paixão".⁸ Esse parágrafo exclui todas as categorias, menos a substância e a relação, que Agostinho continua a empregar em sua explicação da Trindade.

Agostinho se refere à Escritura como a base da Trindade e também da unidade da Divindade. Assim, em *Trin.* XV, 28, escreve: "pois a Verdade não diria, Ide, batizai todas as nações em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, salvo que tu fosses uma Trindade... Nem teria a voz divina dito, Ouvi, ó Israel, o Senhor teu Deus é o único Deus, salvo que fosses uma Trindade e ao mesmo tempo o único Senhor Deus".⁹ Agostinho também recorre à Escritura para dar sustentação à sua compreensão de que o Espírito procede do Pai e do Filho. Novamente, em *Trin.* XV,26, escreve:

E está provado por muitos outros testemunhos das palavras divinas que ele é Espírito tanto do Pai como do Filho, que é especialmente chamado Espírito Santo na Trindade. O próprio Filho também dele diz: "Que vos enviarei de junto do Pai" (Jo 15,26) e em outra parte: "Que o Pai enviará em meu nome (Jo 14,26). Mas diz o ensinamento que ele procede de ambos porque o próprio Filho diz: "Ele procede do Pai" (Jo 15,26). E depois de ressuscitar dos mortos e de aparecer a seus discípulos, ele soprou sobre eles e disse: "Recebei o Espírito Santo" (Jo 20,22) para mostrar que ele também procedia dele mesmo. E essa é a força "que saía dele e a todos curava" (Lc 6,19), como lemos no evangelho.¹⁰

Essa é uma maneira inovadora de reunir esses textos da Escritura e também interpretação original. Agostinho não consegue encontrar suporte em nenhum teólogo anterior, pois

desde os dias de Tertuliano, a fórmula típica fora "Do Pai por meio do Filho". No século quarto, porém, foi extraída daí uma implicação mais profunda, a de que o Filho, juntamente com o Pai, era realmente o que produzia o Espírito Santo. O texto que geralmente servia de referência era a afirmação do Senhor em Jo 16,14, "Ele (isto é, o Espírito) receberá do que é meu". Aqui os pioneiros foram santo Hilário (cf. seu *Patre et filio auctoribus*) e Mário Vitorino (não santo Ambrósio, cujos textos se referem à missão *externa* do Espírito), mas ambos evitam falar diretamente de sua processão do Filho. Santo Agostinho não precisava ser reservado... O desenvolvimento lógico do seu pensamento implicava a crença de que o Espírito Santo procedia tão verdadeiramente do Filho como do Pai, e ele não teve escrúpulos em expô-lo com franqueza e

⁷ Aristotle, *The Categories: On Interpretation*, by Harold P. Cooke; *Prior Analytics*, by Hugh Tredennick. LCL 325 (Londres: W. Heinemann, and Cambridge, Mass.: Harvard university Press, 983)18.

⁸ Agostinho, *A Trindade*

⁹ Agostinho, *A Trindade*

¹⁰ Agostinho, *A Trindade*

precisão em muitas ocasiões.¹¹

Para Agostinho, a função do Espírito Santo é ser o elo ou o amor entre o Pai e o Filho, do que segue naturalmente que a origem do Espírito Santo seriam os dois. Em seu livro *A Trindade*, Agostinho está interessado nas relações internas das três pessoas enquanto um só Deus, de modo que quando Deus se relaciona com o mundo ele o faz numa ação unificada.

Assim, com relação à salvação, Deus como unidade, elege os predestinados para a salvação. A segunda pessoa da Trindade contribui com sua morte como sacrifício pelo pecado, o que torna a eleição possível. Entretanto, como a eleição aconteceu antes da criação do mundo, antes da encarnação em Jesus e antes da queda de Adão e Eva, a relação ou dependência da salvação do evento da encarnação é questionável. Parece de fato que a salvação da humanidade depende unicamente da eleição de Deus, e que não tem relação com a vida de Deus enquanto Trindade.

A descrição da salvação como predestinação elimina qualquer necessidade de que Deus seja Trindade para produzir a salvação do mundo. Assim Deus enquanto Trindade foi separado do Deus da salvação que é um e onipotente, todo poderoso. A Trindade continuará a operar na teologia cristã ocidental, mas será antes de mais nada uma estrutura de organização para a educação cristã. Ela não é mais a doutrina central necessária para descrever como Deus se relaciona com o mundo de modo que necessariamente produza salvação.

¹¹ J.N.D. Kelly, *Early Christian doctrines* (San Francisco: Harper & Row, 1960) 359.